

07/05/2017 - RODA DE CONVERSA SOBRE SEXUALIDADE E AFETIVIDADE

Local: Sociedade de Estudos Espírita 3 de Outubro

Responsável pelas respostas: Fernando de Oliveira Porto
1º Secretário da Área de Atendimento Espiritual no Centro Espírita da U.S.E.
Membro do DOD da U.S.E. Regional São Paulo

1 – A energia sexual pode levar à loucura quando reprimida?

Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, publicados na segunda metade do século XIX, teceu alguns comentários sobre a loucura e o suicídio, antes do estabelecimento das classificações e estudos a respeito do tema pela psiquiatria. O Codificador esclarece que a loucura depende de uma predisposição do cérebro. Atualmente um dos grandes flagelos da humanidade, no contexto dos transtornos de humor, é a depressão. Nos casos mais graves, o suicídio é um dos efeitos mais danosos e preocupantes, ceifando vidas e afligindo famílias. Dentre os fatores sociais e psicológicos, Kardec cita as *decepções*, as *desgraças* e as *afeições contrariadas* como causas mais frequentes do suicídio. Muitas vezes, em razão dos preconceitos sociais e da rejeição de familiares, pessoas de orientação homossexual, por exemplo, acabam desenvolvendo transtornos psicológicos, culminando no suicídio. É por isso que o Espiritismo ao nos proporcionar uma visão mais abrangente e humanitária, dentro dos ditames da ética cristã nele contida, recomenda o acolhimento desses nossos irmãos que vivenciam experiências diferentes da maioria “dita normal”. A repressão não é o melhor caminho, porque os conteúdos conflitantes não desaparecem mas ressumam do inconsciente pelos meios mais diversos, tanto somáticos quanto psicológicos, prejudicando a vida do indivíduo e sua saúde mental. O ideal é a integração destes conteúdos à consciência, por meio da busca do autoconhecimento, da autoaceitação e o do autoamor. Quando a energia sexual não puder ser utilizada no contexto das funções sexuais, faz-se necessário a sublimação desta energia para fins nobres, de progresso e de evolução espiritual. Há também situações em que indivíduos acabam por se comprometerem pelo mau uso das funções genésicas e da energia sexual, e desenvolvem compulsões, vícios e perversões, por meio de práticas extravagantes de baixa classe. Nestes casos, os processos de obsessão espiritual podem se fazer presentes, agravando ainda mais a situação. É por essa razão que é imperioso a procura pelo tratamento médico e psiquiátrico, a contribuição do aconselhamento psicológico, somando-se à terapêutica espírita da prece, da fluidoterapia e da transformação moral na prática do bem.

2 – Nas nossas próximas reencarnações reencontraremos com todas as pessoas que tivemos relacionamentos, namorados, ex-maridos, obrigatoriamente? Isso sempre acontece até que esse equilíbrio espiritual ocorra ou não necessariamente?

Para respondermos a essa pergunta, primeiramente precisamos compreender que o processo evolutivo deve ser encarado em termos de “qualidade” e não de “quantidade”. É

por isso que não há um número de reencarnações determinado para atingirmos novos estágios de progresso, tudo depende do nosso aproveitamento, ao mobilizarmos nossa vontade e livre-arbítrio a serviço de nosso progresso espiritual. Quando ferimos o sentimento de nosso próximo, nos relacionamentos que construímos no contexto de nosso programa reencarnatório, assumimos uma dívida não diante do ser humano, mas perante às leis divinas. É por essa razão que sempre caberá a estas mesmas leis estabelecidas por Deus o cumprimento da justiça, e nunca ao ser humano ainda necessitado de longo processo de aprendizagem para superação de suas próprias imperfeições. Se não fosse dessa forma, a cobrança daquele que foi ferido pelos nossos erros seria totalmente justificada, o que implicaria na automática autorização da perseguição por parte da vítima. Quando alguém sofre uma agressão, é ferido em seus sentimentos, e resolve por perdoar seu algoz, acaba por se libertar do compromisso e está livre para seguir seu próprio caminho. O verdugo, por sua vez, permanece sob o cativo consciencial em razão do erro praticado, até que se reajuste perante a lei, o que pode acontecer não apenas pelo sofrimento reparador, mas também pelo trabalho no bem, pois “o amor cobre a multidão de pecados”. Conforme nos ensina Kardec no capítulo *Código Penal da Vida Futura*, do livro *O Céu e o Inferno*, a necessidade de expiação e reparação permanecem apenas enquanto perdurar a imperfeição. Somente o ódio recíproco ou o amor sublimado é que unem os Espíritos por longos períodos, tanto no plano físico, quanto na erraticidade, isto é, no intervalo entre as reencarnações em que permanecemos no mundo espiritual. Considerando que Kardec nos explicou sobre a inexistência de metades eternas destinadas uma para a outra, o objetivo da evolução espiritual não é a exclusividade afetiva, mas o amor universal e incondicional a todos os seres, subordinado sempre ao amor a Deus, conforme nos ensinou Jesus.

3 – É possível estabelecer uma relação afetiva e sexual com mais de uma pessoa?

Nesse caso ocorre o que tradicionalmente é chamado de “triângulo amoroso”. É muito difícil que em caso como esses, ao menos uma das partes não acabe sendo lesada emocional e psicologicamente, o que implica na aquisição de grave reponsabilidade, e possíveis conflitos de consciência de culpa em futuro próximo. Como se conduzir, nestes casos, sem o artifício da mentira diante da parceira ou parceiro? Inicialmente, cabe à pessoa refletir sobre a distinção entre o impulso sexual e a afetividade, pois dificilmente conseguimos distinguir uma coisa da outra em nosso grau evolutivo. Aquilo que muitas vezes chamamos de “amor” ainda está ligado ao aspecto de posse, um sentimento obscurecido pela ilusão da matéria e das aparências. A respeito das uniões antipáticas, os Espíritos superiores esclarecem, na questão 939 de *O Livro dos Espíritos*: “*Não é suficiente estar enamorado de uma pessoa que vos agrada e que supondes dotada de belas qualidades; é vivendo realmente com ela que a podereis apreciar. Quantas uniões, por outro lado, que a princípio pareciam incompatíveis e com o correr do tempo, quando ambos se conheceram melhor, se transformaram num amor terno e durável, porque baseado na estima recíproca! É necessário não esquecer que o Espírito é quem ama, e não o corpo, e que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade. Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, e frequentemente se toma uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é duradoura; a do corpo é perecível: eis porque os que se julgam amar com um amor eterno acabam se odiando, quando passa a ilusão*”. Daí percebemos que, com frequência, confundimos a afetividade com atração

física, e somos envolvidos pela paixão. Nestes casos, somos convidados a ponderar e refletir para nos conduzirmos com acerto. Na obra *Sexo e Consciência*, o médium espírita Divaldo Franco, no item intitulado *Infidelidade*, comenta que, muitas vezes, reencontramos indivíduos de nosso passado espiritual quando já assumimos um compromisso na presente reencarnação: *“(...) se esta pessoa me inspira paixão afetiva, uma profunda atração sexual, eu deverei meditar sobre o significado de um sentimento tão intenso e conduzi-lo da melhor forma. Se eu sou casado, por exemplo, não haverá alternativa a não ser superar o desejo e evitar um envolvimento afetivo-sexual que não se justifica, pois o compromisso conjugal deve ser preservado. Até porque, essa paixão que irrompe, voluptuosa e febril, com o passar do tempo será completamente dissipada. E depois? Como ficaremos? Se cedermos aos caprichos do ego colheremos as consequências inevitáveis da irresponsabilidade. Muitas vezes a atração é difícil de ser trabalhada, uma vez que se trata de uma pessoa que ressurge do nosso passado e mobiliza os nossos sentimentos mais profundos. Quando olhamos alguém e nos desequilibramos emocionalmente, significa que estamos diante de um vínculo anterior. Entretanto, trata-se de um vínculo negativo, que precisamos manejar para torná-lo edificante, do contrário repetiremos a experiência na qual naufragamos, transformando a oportunidade de reabilitação em uma trama ainda mais infeliz”*. Existem casos, sem dúvida, quando o relacionamento não evolui bem, principalmente quando a parte lesada ou agredida opta por liberar-se para buscar sua felicidade, o que é lícito. Mas este não é o caso. Um último aspecto a considerar é que em um relacionamento amoroso, geralmente criamos muitas expectativas por demais elevadas. Vivemos uma época de individualismo e hedonismo, por isso a dificuldade de construirmos relacionamentos em médio e longo prazo. Pessoas que realmente se amam podem em diversas ocasiões entrar em desacordo, porque afinal cada um possui sua individualidade. O cônjuge que sempre concorda conosco, em realidade, apresenta um comportamento de submissão ou baixa-autoestima, ou em situações ainda mais graves, refletem o nível de indiferença a que chegou o relacionamento. Quando nos desentendemos em um relacionamento, pode acontecer de “baixarmos a guarda”, facilitando o caminho para cedermos à tentação de buscar algo novo. Por isso é fundamental o diálogo entre o casal para aparar arestas, a capacidade de perdoar e seguir em frente, o que prova o quanto valorizamos o relacionamento afetivo.

4 – Quais as divergências de pensamento entre a Psicologia e o Espiritismo em relação à prática sexual entre homossexuais?

Em primeiro lugar, é importante fazer uma distinção entre a prática dos profissionais da Psicologia em particular, e de outro lado os debates, orientações e resoluções emitidas pelos Conselhos de Psicologia sobre o assunto. Dentro do universo da Psicologia existem diferentes abordagens e tendências que nem sempre estão de acordo quanto ao assunto das causas da homossexualidade, não obstante a postura aberta e sem preconceitos que se espera do psicólogo, em respeito ao código de ética da Psicologia que assim o determina. A homossexualidade não é considerada uma patologia, nem um desvio ou perversão sexual, mas uma variante do comportamento humano, no âmbito da Psicologia. Percebe-se um alinhamento dos conselhos de Psicologia com os movimentos defensores dos direitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, incluindo ainda os transgêneros), no intuito de defender a diversidade sexual. O Espiritismo, por sua vez, respeita a contribuição da ciência quanto à busca do conhecimento, dentro dos ditames

do método científico de cada especialidade. A questão da sexualidade humana é muito complexa, pois envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociais e, sob a ótica espírita, há ainda a acrescentar os aspectos espirituais. A missão do Espiritismo na Terra é a confirmação da imortalidade da alma e o aprimoramento moral do ser humano, consagrados no mandamento do “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”. Não cabe ao espírita imiscuir-se na vida privada do próximo, em suas escolhas pessoais, principalmente na busca legítima pela felicidade, o que é facultado a todo ser humano. A contribuição do Espiritismo está na perspectiva da espiritualidade e da transcendência, da reencarnação e da lei de causa e efeito, quase sempre ignorada no contexto das ciências vigentes de ótica exclusivamente materialista. Assim considerando, a questão central para o Espiritismo no ser humano não é sua orientação sexual, mas a formação do ser humano de bem

5 – Como o Espiritismo enxerga a homossexualidade no século XXI?

Como já foi mencionado, o Espiritismo, em seu tríplice aspecto científico, filosófico e religioso, não condena condutas pessoais, muito menos aprova ou incita quaisquer tipos de preconceito, como os de raça, credo ou orientação sexual. No entanto, ao nos revelar as leis da natureza que regem a vida da alma, por meio de demonstrações científicas embasadas na razão, aliadas à ética ensinada por Jesus, nos leva a reflexões profundas sobre a vida e a felicidade, não como mera busca da satisfação de prazeres, mas aquela felicidade autêntica e permanente. Nas obras de Allan Kardec, o tema homossexualidade não foi abordado diretamente. Na literatura espírita em geral, tanto de autores encarnados quanto nas obras psicografadas, encontramos algumas divergências de opinião, ideias contraditórias e incompletas. Isso se deve, em parte, ao grau de conhecimento científico sobre o tema na época em que essas obras foram escritas, inclusive com a utilização de terminologias em desuso, com as quais devemos ter um cuidado especial. Também é importante considerar que no passado o preconceito cultural era muito forte, os homossexuais não tinham a visibilidade social de hoje e, no imaginário popular, o termo “homossexual” relacionava-se com anomalia, algo antinatural e, do ponto de vista religioso, pecaminoso. Mas há ainda um terceiro aspecto muito importante, frequentemente ignorado: o fenômeno da homossexualidade não é uniforme, nem em suas origens, nem em suas manifestações. Há fatores antecedentes, vinculados à trajetória do Espírito em suas reencarnações anteriores, e há fatores da vida presente relacionados, vivências do Espírito reencarnante, circunstâncias do meio, influências espirituais, etc. Essas questões podem ser abordadas em outra oportunidade. O que vale destacar aqui são as possibilidades que se abrem em termos de escolha diante da identificação e aceitação da própria identidade e orientação sexual. Não cabe aos espíritas, diante daquele que nos procura em busca de orientação, ou perante quaisquer indivíduos do nosso convívio social, o papel de investigadores das causas das ações do próximo, ou estabelecer regras de conduta na vida privada de cada um. Impor uma conduta heterossexual para um indivíduo que se apresenta na condição homossexual, sob o pretexto de adaptação à “normalidade”, é uma violência que geraria uma vida de hipocrisia, sem contar o sofrimento psíquico. Quando o ser humano opta pelo caminho do amor, seja na comunhão sexual e afetiva, ou na sublimação da energia sexual através das ações nobres, está respaldado nas leis divinas. Vale ainda apontar um último aspecto importante. É um hábito psicológico do ser humano, e isso independe de orientação

sexual que, na busca de superação de seus próprios conflitos, lutando contra um meio muitas vezes hostil, desenvolva comportamentos de imposição de um comportamento aplicável a uma situação particular, como se fosse um padrão de conduta universal. Realmente, isso também pode ser referir ao heterossexual, uma vez que verificamos atitudes extravagantes e exóticas, usando a própria conduta sexual como instrumento de escândalo para autopromoção pessoal. Esses são casos para tratamento psicológico e espiritual, no sentido do autoaprimoramento e da resolução das questões íntimas que os afligem.

6 – Como orientar um(a) jovem que não sabe se assume sua homossexualidade ou heterossexualidade, pois sente atração pelos dois sexos?

Para oferecermos algumas orientações, dentro da nossa singela reflexão, apontamos a contribuição de Emmanuel sobre o assunto que nos esclarece, em seu *Vida e Sexo*, no capítulo sobre homossexualidade que *“a coletividade humana aprenderá, gradativamente, a compreender que os conceitos de normalidade e de anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos, para se erguerem como agentes mais elevados de definição da dignidade humana, de vez que a individualidade, em si, exalta a vida comunitária pelo próprio comportamento na sustentação do bem de todos ou a deprime pelo mal que causa com a parte que assume no jogo da delinquência. A vida espiritual pura e simples se rege por afinidades eletivas essenciais; no entanto, através de milênios e milênios, o Espírito passa por fileira imensa de reencarnações, ora em posição de feminilidade, ora em condições de masculinidade, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em quase todas as criaturas. O homem e a mulher serão, desse modo, de maneira respectiva, acentuadamente masculino ou acentuadamente feminina, sem especificação psicológica absoluta”*. Vamos analisar com mais vagar a afirmação do nobre benfeitor. Um primeiro aspecto é a distinção entre aspectos morfológicos, isto é, o sexo masculino e o sexo feminino do ponto de vista biológico por um lado, e como nos comportamos em relação ao uso dos recursos que a Providência nos proporciona. Afinal, exaltamos a vida comunitária na sustentação do bem de todos ou a deprimimos no jogo da delinquência? Na sequência, o autor espiritual informa que *a vida espiritual pura e simples se rege por afinidade essenciais*, ou seja, no plano espiritual a relação entre os desencarnados se dá por afinidade e simpatia, não há prática sexual ou morfologia masculina ou feminina. O desencarnado vive a vida do Espírito, pois, como nos ensinou Jesus *“nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como os anjos que estão nos céus”* (Marcos 12:25). A diferenciação sexual na Terra existe, portanto, para que os Espíritos encarnados possam perpetuar a espécie pela reprodução, assim como também para fazerem o uso da energia sexual e atingirem os seus fins no processo evolutivo. Um terceiro aspecto consequente ao que já explicamos é que os Espíritos reencarnam circunstancialmente como mulheres ou como homens, condição necessária para a evolução no aprendizado das duas polaridades: a masculina e a feminina. E esse trânsito tanto em um sexo como no outro é o que permite aquilo que o autor espiritual denominou de *fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado, em todas as criaturas*. Todos nascemos com recursos de aprendizado e de experiências nos dois sexos, portanto, com a bissexualidade em potencial. Assim, tanto na heterossexualidade como na homossexualidade, existirá uma orientação sexual

predominante ou exclusiva, mas nunca absoluta. Isso não significa, porém, que pelo fato de trazermos determinada orientação ou preferência necessariamente devemos adotar a prática, agir como se fôssemos escravos do desejo. Vivemos um momento de maioria espiritual que espera de nós equilíbrio, controle, direcionamento construtivo. Um jovem ou uma jovem que se sintam inclinados ao exercício da bissexualidade precisará de orientação profissional e acolhimento fraterno na Casa Espírita, no intuito de realizar um processo de autoconhecimento e autoaceitação cuidadosa. Ao identificar qual orientação lhe é predominante poderá exercê-la dentro do regime da dignidade, no contexto de uma relação monogâmica e afetiva. Exercer as duas orientações ao mesmo tempo levaria o indivíduo a sucumbir fatalmente à condição da promiscuidade, gerando consequências danosas em sua trajetória evolutiva. Em realidade, a condição ideal seria aquela em que o Espírito se adaptasse ao sexo biológico no qual nasceu, pois lhe traria melhor proveito evolutivo. No entanto, na visão espírita, como já vimos, a vivência homossexual é normal e natural como evento circunstancial na trajetória evolutiva do Espírito, e não lhe traz prejuízo quando vivenciada com respeito, dignidade e amor. O mesmo se espera do heterossexual, a expectativa é equivalente.

7 – Como o movimento Espírita entende a questão de gênero que tem sido pauta de diferentes reportagens? Hoje em dia prega-se a não divisão por gêneros, não se diz para a criança se ela é do sexo masculino e feminino. Isso é um progresso ou um retrocesso da humanidade?

Essas questões são muito atuais e de mais alta relevância, porque envolvem muitos contextos que exigiriam uma abordagem mais detalhada. No Movimento Espírita ainda é um assunto quase ignorado, principalmente as consequências na educação e na sociedade da adoção das novas perspectivas de identidade de gênero como fundamento da realidade do ser humano. Basicamente, podemos dizer que o conceito de gênero, conforme era utilizado há algumas décadas no contexto da biologia, era sinônimo de sexo, ou seja, a humanidade seria dividida entre dois gêneros: o masculino e feminino. As discussões sobre a identidade de gênero que têm sido propostas fazem uma crítica a essa visão da sexualidade como derivada da biologia, a todo e qualquer determinismo biológico. A identidade sexual passa a ser vista como uma construção social. Em outras palavras, colocando de uma maneira mais clara, “a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher”, como já disse uma famosa autora francesa do feminismo, Simone de Beauvoir. De fato, essas discussões têm aberto um espaço de interlocução para grupos representantes da diversidade sexual que antes não tinham voz, na busca de direitos por igualdade, combate aos preconceitos e à violência. O problema são os extremos, pois no momento em que essa visão de que a identidade de gênero é uma construção social torna-se absoluta, isso conduz a um esvaziamento da realidade da natureza. A maternidade, que seria uma condição biológica natural da mulher passa a ser sinônimo de opressão. O homem e a mulher, ao invés de representarem uma complementaridade, agora são colocados em uma posição de antagonismo e conflito, em razão do machismo vigente na sociedade. De um determinismo de gênero estabelecido pela natureza, agora passaríamos para uma situação de total indeterminação, na qual cada um constrói seu gênero conforme o desejar. Em outras palavras, a identidade sexual seria fluida, uma mera questão linguística. Mas há duas barreiras, segundo esses ideólogos, para

concretizar esse intento: a família e a religião. Para que todo e qualquer indivíduo seja livre para construir sua identidade sexual é necessário combater a família na sua atual estruturação, pois nela estariam inseridos todos estes preconceitos de gênero, em razão principalmente das crenças religiosas e da opressão feminina constituída nos papéis sociais que seriam impostos à mulher. Dentro de todo esse contexto, caberia ao Estado o dever de efetivar a agenda da identidade de gênero como um todo, através de leis que garantam, por exemplo, os direitos reprodutivos da mulher (dentre eles, o aborto), um olhar mais propositivo e menos conservador sobre a prostituição, etc. Em relação às crianças, em particular, que foi o objetivo da pergunta, cada vez mais caminhamos para uma situação, caso nada seja feito no sentido contrário, de uma apropriação por parte do Estado da condução da educação sexual, subtraindo gradativamente o pátrio poder das famílias. Isso já vem acontecendo em alguns países, e só não avançou muito no Brasil em razão da resistência conservadora do povo brasileiro, da ação política de católicos, evangélicos e, em alguns casos, como o do aborto, dos espíritas. São questões muito sérias que precisam ser mais debatidas pelos espíritas, quais as atitudes a serem adotadas. Se por um lado, não aprovamos a conduta de determinados líderes religiosos que, movidos por preconceitos e interpretações literais das escrituras, entram em embates com os grupos ativistas na defesa de uma discriminação, ainda que inconsciente, destes indivíduos, por outro lado, não concordamos com a indução de nossas crianças de maneira precoce e enviesada, sem o consentimento dos pais que são, de fato e de direito, os legítimos responsáveis pela educação dos filhos. A sexualidade humana, na visão espírita, não pode ser esvaziada de sua sacralidade, pois a vida é dom de Deus e não acaso biológico ou objeto de manipulações políticas e ideológicas.

8 – Há sexo somente entre os encarnados? Como entender essa questão, uma vez que na literatura espírita há descrição de sexo entre os Espíritos?

Essa é uma pergunta delicada, porque aponta para um problema frequente na literatura dita espírita, principalmente mediúnica, que é o descaso em relação aos princípios norteadores da ciência espírita, os critérios estabelecidos por Allan Kardec e pelos Espíritos superiores na constituição do Espiritismo. O cuidado que todos nós espíritas devemos ter quanto a supostas “revelações” do mundo espiritual, o uso do critério da concordância do ensino dos Espíritos, a filtragem pelo crivo da razão esclarecida, da fé raciocinada. Aprendemos pela revelação dos Espíritos, conforme a questão 200 de *O Livro dos Espíritos*, que os Espíritos desencarnados não têm sexo, isto é, não apresentam estrutura anatomofisiológica para praticar o sexo, mas expressam o amor e a simpatia que intercambiam no nível mental. Estas supostas revelações de Espíritos reencarnando no plano espiritual infelizmente ou são mistificações ou demonstrações de ignorância do assunto por parte do Espírito comunicante. Quando um Espírito desencarnado, em uma reunião mediúnica diz que sente “sede” ou “fome”, não significa que ele possua uma estrutura digestiva como um encarnado, mas trata-se de impressões e sensações plasmadas em nível mental. Em razão do poder do pensamento e da condição plástica do perispírito, é possível, em regime temporário em que persista a condição de inferioridade moral, que o Espírito promova deformações em seu corpo espiritual. Esses Espíritos vivenciando ambientes de sofrimento e ignorância no plano espiritual, por eles mesmos criados mentalmente, acabam por vincular-se aos encarnados cujos interesses lhes são afins, frequentando conjuntamente os ambientes de baixo nível tanto na Terra como no

plano extrafísico. Somente aí, em regime de hipótese, poderá ser cogitada a possibilidade de comunhão sexual entre Espíritos de ordem moral inferior, em regiões infelizes do além-túmulo. Médiuns de considerada reputação, como Yvonne Pereira, Divaldo Franco e Chico Xavier, trouxeram relatos dessas situações em viagens astrais pelo desdobramento, e também apresentaram algumas descrições pela psicografia. No entanto, é preciso refletir se essas descrições não são aproximadas dentro da linguagem humana por efeito de comparação. É preciso muita cautela com essas revelações. Faz-se imprescindível o respaldo das obras fundamentais de Kardec que, em última análise, são o referencial indispensável para o estabelecimento de convicções sobre aquilo que nos é possível conhecer sobre a vida no plano espiritual.

Bibliografia Consultada

KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2013. Questões 201 a 202.

KARDEC, Allan. Revista Espírita. Ano 1866. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Janeiro: As mulheres têm alma?

XAVIER, Francisco Cândido (André Luiz, Espírito). No mundo maior. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 11: Sexo.

XAVIER, Francisco Cândido (André Luiz, Espírito). Ação e reação. Rio de Janeiro: FEB, 2007. Cap. 15: Anotações Oportunas.

XAVIER, Francisco Cândido (André Luiz, Espírito). Evolução em dois mundos. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 18: Sexo e corpo espiritual.

FRANCO, Divaldo Pereira (Espíritos diversos). Luiz Fernando Lopes (org.). Sexo e consciência. Salvador: LEAL, 2013.